

Parte 1 - Mediação & midiatização: conexões epistemológicas

Sob o signo de Hermes, o espírito mediador: midiatização, interação e comunicação compartilhada

Cláudio Cardoso de Paiva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PAIVA, CC. Sob o signo de Hermes, o espírito mediador: midiatização, interação e comunicação compartilhada. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., and JACKS, N., orgs. *Mediação & midiatização* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 149-170. ISBN 978-85-232-1205-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Sob o signo de Hermes, o espírito mediador mídiatização, interação e comunicação compartilhada

CLÁUDIO CARDOSO DE PAIVA

INTRODUÇÃO

Há algo de novo no ar! O fenômeno da internet, hipermídias e redes sociais configuraram uma nova realidade sociocultural, em que os cidadãos interconectados interagem de maneira colaborativa, formando laços afetivos, comerciais e políticos.

As obras de arte, a música universal, as relíquias literárias, os grandes clássicos do cinema, as novidades no mundo da ciência e tecnologia, disponíveis em rede, configuram uma dimensão luminosa da mídiatização cultural. Porém, a modernização tecnológica, parte integrante dessa nova mídiatização da cultura, não trouxe benefícios para todos; do lado de fora da sociedade mídiatizada estão os desplugados, os “sem banda larga”, os *outsiders* do século XXI.

Logo, constatamos que a grande batalha do nosso tempo – no que concerne aos processos sociomidiáticos coloca-se em favor da democratização da informação, facilidade de acesso, conexão veloz e banda larga para todos. Por essas e outras razões defendemos um princípio ético-político

e estratégico-comunicacional que reconhece a inclusão digital como um caminho para a cidadania.

Basta observarmos os acontecimentos recentes como Primavera Árabe, Occupy Wall Street, Campanha Ficha Limpa, Movimento de Combate à Corrupção etc., para percebermos como as estratégias de comunicação são tramadas, simultaneamente, de maneira presencial e em rede. São experiências envolvidas pelos fenômenos de mediação e midiatização, noções que habitam a mesma bacia semântica e ideológica, mas guardam especificidades e referem agenciamentos técnicos e sociais distintos.

Após um século de debate sobre o estatuto dos cidadãos na sociedade de massa, hoje a discussão pública se volta para os meios pós-massivos e as estratégias de empoderamento gerado pelas redes sociocolaborativas. E desde já, algumas questões se prenunciam, em nível teórico-conceitual e metodológico – ensejando especulações epistemológicas acerca dos fluxos mediadores e midiatizadores dessas operações.

Pulsa na paisagem cotidiana uma inteligência coletiva conectada que perpassa o vasto conjunto das atividades econômicas, socioculturais, ético-políticas, abrangendo experiências tão diversas como o correio eletrônico, o webjornalismo, o sistema bancário informatizado, o comércio *on-line*, a medicina computadorizada, o voto digital, o GPS, as enciclopédias, dicionários e bibliotecas virtuais, teleconferências e programas de ensino mediados pela tecnologia. Eis o ambiente do *homo mediaticus*.

Em pouco mais de uma década a nossa relação com o mundo social e natural mudou radicalmente, de maneira que as experiências sociotécnicas fazem parte das nossas mediações (e interações) fundamentais com a chamada “realidade objetiva”.

Do presencial ao virtual (e vice-versa) estamos tecnológica e sensorialmente interligados através de ambientes gerados por meios digitais como o *chat*, o *blog*, o MSN, o Facebook, o Twitter e o YouTube, que teletransportam os corações e mentes para outra dimensão da experiência individual e coletiva.

Tanto na esfera pública quanto na esfera privada, nas empresas, instituições e organizações, novos atores, códigos, valores e processos ganham vigência; segundo Sodré (2002), um novo *ethos* se instala enredado nos fluxos da midiaticização social.

A partir dos anos 1990, a comunicação digital passou a influir nos modos de pensar, falar e agir dos atores sociais, os quais têm aprendido a usar a comunicação em suas mediações afirmativas, realizando dinâmicas intervenções na vida cotidiana.

Contudo, é preciso separar o joio e o trigo. Há um complexo midiático massivo (seja analógico ou digital) controlado pelo sistema global de produção capitalista, meramente comercial e voltado – principalmente – para o lucro. E existe, por outro lado, um complexo pós-massivo que surge do coletivo, dos “sistemas sociais de resposta”, favorecendo estratégias de distribuição e socialização da informação. (BRAGA, 2006)

Sem descartar a importância do mercado na economia de trocas materiais e simbólicas, a comunicação midiática compartilhada é mais democrática e concilia a diversidade de interesses e expectativas sociais, sendo eticamente mais inclusiva.

O acesso aos jornais e mídias do mundo inteiro, informações ao vivo, em tempo real, a conexão simultânea entre os vários setores de produção, distribuição e consumo, tudo isso indica um surpreendente estado de convergência de formas, conteúdos e linguagens, sinalizando conquistas e elevação da qualidade de vida social e política.

Neste novo nicho comunicacional, os espectadores se tornam e-leitores, editores, cibercidadãos. Ou seja, ocorre uma transformação profunda no contexto da experiência midiática. Antes dos meios digitais havia um ambiente sociopolítico e comunicacional orientado pelas regras da separação: de um lado, os autores, a produção massiva, a indústria cultural, e do outro, os espectadores, a recepção participativa, o consumo de massa: eis um exemplo de midiaticização comercialmente forte e uma mediação socialmente ainda em desvantagem.

Hoje, o agenciamento coletivo dos usuários expressa uma conjunção mais equilibrada face aos paradoxos comunicacionais: as redes favorecem processos de veiculação, cognição e colaboração, assegurando a inserção dos indivíduos na economia de trocas informacionais, num âmbito comunicativo mais democrático e participativo: esse é um exemplo de mediação avantajada e midiática afirmativa.

Todavia, genericamente, a experiência da comunicação – que evolui em sintonia com o processo civilizatório – não se realiza num mar de águas tranquilas; pelo contrário, opera num contexto minado pelos conflitos, tendo que enfrentar desafios.

Como adverte Benjamin (1985, p. 225), no ensaio *Sobre o conceito de história*, inspirado em Freud, “[...] nunca houve um monumento da cultura que não fosse um monumento de barbárie”. Ou, como afirma Whitehead (apud MCLUHAN, 1969, p. 7) “[...] os maiores avanços na civilização são processos que quase arruinam as sociedades em que ocorrem”.

Vários pesquisadores têm contribuído para se elucidar algumas verdades e mitos sobre o fenômeno midiático-tecnológico. Nesse filão, Lemos ajuda a distinguirmos a cibercultura e a tecnocultura. Para ele,

[...] na modernidade, cria-se uma tecnocultura como um fenômeno técnico expandindo-se para todos os domínios da vida social, cuja preocupação principal é ‘procurar em todas as coisas o método absolutamente mais eficiente’. (LEMOS, 2004, p. 50)

E, em defesa do uso social e criativo das tecnologias de comunicação, conclui: “A cibercultura é um exemplo forte dessa vida social que se quer presente e que tenta romper e desorganizar o deserto racional, objetivo e frio da tecnologia moderna”. (LEMOS, 2004, p. 262) Diríamos que a cibercultura propicia mediações democraticamente saudáveis e leva a um tipo de midiática favorável, desde que os usuários, e-leitores saibam usar as redes sociais.

As novas mídias geradas pela telemática criaram algo afirmativo na midiosfera, beneficiando a dimensão sociocultural quando esta parecia

engolida pelo “buraco negro” industrial-tecnológico. Todavia, mídia é poder e os grandes predadores políticos e econômicos não medem esforços para utilizá-la egoisticamente em benefício próprio.

Então, é preciso encontrar um dispositivo teórico-conceitual para enfrentar o paradoxo da midiatização que se quer aberta, transparente, democrática, mas é atravessada por forças econômicas, políticas, institucionais que a impelem numa direção contrária. Assim, recorreremos à imagem arquetípica de Hermes, o patrono da comunicação, o grande mediador entre as forças opostas, que se inscreve aqui como uma alavanca metodológica para nortear uma interpretação da cultura na era digital.

A SABEDORIA DE HERMES E O PODER DA COMUNICAÇÃO EM REDE

Explorando os domínios da Filosofia, Antropologia, Sociologia, Psicanálise, História e crítica literária, encontramos o espírito de Hermes, como o intérprete-mediador diante das grandes causas da humanidade. Homero, Petronio, Dante, Shakespeare, Proust, Dostoievski, entre outros arcanos do pensamento ocidental, modelaram a imagem de Hermes como fonte de leitura do grande livro do mundo. E, sendo o gestor perspicaz no enfrentamento dos contrários, o mediador pode ajudar a deciframos os paradoxos e complexidades da cultura na era da comunicação digital, em que os processos de mediação e midiatização às vezes se confundem, outras vezes se distinguem, e cada um deles pode atuar de maneira determinante no fluxo cotidiano, melhorando ou piorando o nível da experiência cultural. Talvez Hermes seja um caminho viável para elucidarmos as complexidades e paradoxos da midiatização. Pois essa figura mitológica, antropológica, arquetípica – cujas emanções são evidentes em diversas arestas da vida social contemporânea – é ambígua e polivalente.

Hermes é Mercúrio (na acepção latina), e é igualmente Hermes Trismegistos (em hibridação com o deus Thot egípcio); sendo esse último mais próximo da imaginação mítico-racionalista, do pensamento

holístico.¹ E Mercúrio está mais ligado ao *cogito* matemático, ao saber pragmático, à dedução e contabilidade do mundo.

Hermes tem a incumbência de contemplar a vasta prosa universal e desvelar as camadas de sentido que formam a complexidade do discurso como *doxa* (opinião vivenciada no senso comum), como *techné* (expressão da arte e dos saberes práticos), e como *epistème* (saber especulativo, ciência, filosofia). Logo, Hermes gera saber e conseqüentemente gera poder através do uso adequado do discurso.

ORIGEM, SIGNIFICAÇÃO E ATUALIDADE DO MITO DE HERMES

Hermes era, na mitologia grega, um dos deuses olímpicos, filho de Zeus e de Maia, e possuidor de vários atributos. Divindade muito antiga, era cultuado na pré-história grega possivelmente como um deus da fertilidade, dos rebanhos, da magia, da adivinhação, das estradas e viagens, entre outros atributos. Ao longo dos séculos seu mito foi extensamente ampliado, tornando-se o mensageiro dos deuses e patrono da ginástica, dos ladrões, dos diplomatas, dos comerciantes, da astronomia, da eloquência e de algumas formas de iniciação, além de ser o guia das almas dos mortos para o reino de Hades. Com o domínio da Grécia por Roma, Hermes foi assimilado ao deus Mercúrio, e através da influência egípcia, sofreu um sincretismo também com Toth, criando-se o personagem de Hermes Trismegisto. Foi um dos deuses mais populares da Antiguidade clássica, teve muitos amores e gerou prole numerosa. Com o advento do Cristianismo, chegou a ser comparado a Cristo em sua função de intérprete da vontade do Logos. As figuras de Hermes e de seu principal distintivo, o caduceu, ainda hoje são conhecidas e usadas por seu valor simbólico, e vários autores o consideram a imagem

1 No Egito, o deus da comunicação é Thot, representado metade homem, metade com as feições ora de um íbis, ora de um babuíno; deus da escrita, da ciência e senhor de todo o conhecimento. A ele é atribuída a invenção de todas as palavras que existem, sendo também guardião da magia; inventou a matemática, a geometria, o uso dos medicamentos; a arte de trabalhar os metais, a invenção da música. A ele é atribuída a invenção da lira de três cordas. Calculador do tempo, dos anos e regente das divisões temporais. (CASTRO E SILVA, 2009)

tutelar da cultura ocidental contemporânea. (HERMES, [entre 2005 e 2011])

Seguimos uma cartografia minuciosa, na obra de Junito de Souza Brandão (1994) narrando o percurso de Hermes, que nasceu precoce, e ainda pequeno foi colocado no oco de um salgueiro (símbolo da fertilidade e da imortalidade).²

A origem do seu nome está ligada à “herma”, que significa um platô feito de cipós, grande pilar emanando o sentido de consistência, altivez e perpetuidade. Hermes tem o poder de ligar, desligar, formar laços afetivos, comerciais e políticos.

Dentre as suas características particulares, é impulsivo, rebelde, *outsider*, possui matizes contraculturais: roubou o rebanho de Apolo e após devolvê-lo ganhou um caduceu de ouro que lhe concedeu a curiosidade, a adivinhação e o pendor para a engenharia. Essa alegoria lembra o *métier* dos engenheiros de comunicação, arquitetos e criadores do *soft*, técnicos, inventores, atuando em meio às brechas, abrindo caminho e fazendo mediações positivas no emaranhado das redes de informação. Hermes antecipa a ação dos *cyberpunks*, *hackers*, *phreakers* que modificam o comando dos computadores e telefones.³

2 Convém remontar ao sentido antropológico do “oco”, “concha”, “cavidade”, “nicho”, signo de afetividade, acolhimento, que reúne as diferenças e diversidades, em oposição ao sentido da “espada” que separa, divide e exclui. Há um vigoroso simbolismo que se renova e atualiza o imaginário contemporâneo, como demonstram distintamente as obras *Tratado de História das Religiões* (ELIADE, 1998); *O homem e seus símbolos* (JUNG, 1990), *As estruturas antropológicas do imaginário* (DURAND, 1988), *Elogio da razão sensível* (MAFFESOLI, 1998), *Mediosfera* (CONTRERA, 2010). Cada um desses autores favorece interpretações lúcidas dos atuais processos sociotécnico-comunicacionais, abrindo caminho para uma antropológica da comunicação e uma mediação afirmativa das culturas midiáticas.

3 O conceito de ciberespaço nasce na obra *Neuromancer* (GIBSON, 1984) e se epifaniza no imaginário do cinema, desde filmes como *Hackers, piratas de computador* (1995) até *Matrix* (1999) e *Avatar* (2009). Para entender o ciberpunk, consultar Lemos (2004), Amaral (2006) e o manual *Etika Hacker* no site *Hacker Teen* (com Sérgio Amadeu Oliveira) que instiga a acharmos o melhor uso da mediação tecnológica em favor da sociedade. (HACKERTEEN, [200-]). A acepção de Hermes como *outsider* é uma parte essencial na sua ontologia, e se atualiza hoje na experiência da “pirataria digital”, no embate entre os *hackers* e as grandes corporações. Hermes – como intérprete e mediador – pode nortear um percurso para se entender o “netativismo” e a “cibermilitância”. Nessa direção, cumpre destacar o norteamento ético das estratégias acionadas pelo sociólogo Sergio Amadeu Silveira, reputado pela militância em favor da utilização do software livre. (AMADEU, 2009)

Hermes, sendo uma divindade complexa, é agrário (também protege os pastores) e simboliza o dom da astúcia, do ardil, de uma sabedoria sagrada. E na versão latina, Mercúrio, é o deus dos comerciantes (dos mercadores, dos negociantes e dos “ladrões”).

Mercúrio tem sido, ao longo da história, semanticamente associado às atividades ligadas ao comércio: *merces* é mercado, mercadoria; liga-se, portanto, a um nível de procedimento cerebral, contábil, pragmático. Mercúrio tem o discernimento para os negócios, favorecendo uma vigorosa mediação criativa no mundo da propaganda e do *marketing*, e a sua marca no imaginário do consumo tem grande receptividade.⁴

A propósito, a “galáxia de McLuhan” é inteiramente atravessada pelo hermetismo: McLuhan, o “filósofo do meio”, é hermético na ambiguidade, no paradoxo, no oxímoro, na provocação sistemática e na arte de aproximar os contraditórios. A sua visão da cultura eletrônica possui analogia com a alquimia cognitiva de Trismegistus, tem algo de premonitório: nos anos 1960, McLuhan previu as redes sociais, as *cross media*, o fenômeno das convergências sociotecnológicas do século XXI. E convém ressaltar, a sua concepção da tecnologia como extensividade humana implica numa ideia da midiaticização como algo positivo, como mostra Vinicius Pereira (2011).

A exploração de McLuhan dos meios de comunicação e os célebres aforismos, como “o meio é a mensagem” e “os meios são as mensagens”, remetem às conjunções entre o cérebro e a mente, o sensorial e o tecnológico, as redes neurais e os estímulos eletrônicos, a percepção cognitiva e a taticidade das mídias. A sua escrita em mosaico, malgrado a assistemati-

4 “A emanção de Hermes está bem presente no cotidiano, nas expressões populares, lembrado como o mensageiro dos deuses. Sob o signo do planeta Mercúrio, tem marca indelével no zodíaco. Transita com desenvoltura no mundo secular: nos almanaques, revistas e jornais de larga circulação. Está nas agências de correio, na marinha e na aeronáutica. O seu caduceu consta em brasões de várias cidades e jurisdições. Empresas, periódicos, produtos e pessoas adotaram seu nome. Internacionalmente é muito prestigiada a griffe Hermès, de artigos de luxo, trazendo um nome de família.” (HERMES, [entre 2005 e 2011])

cidade, representa uma vigorosa hermenêutica, a qual devemos entender como uma mediação valiosa para a vida cultural.

Analogamente a Hermes Trismegistus, McLuhan, involuntariamente, decifrou as mitologias do homem industrial: além do carro como metáfora da “noiva mecânica”, a eletricidade irradiada no ambiente significa massagem, midiatização, mensagem pura:

A roda é um prolongamento do pé; o livro é um prolongamento do olho; a roupa é um prolongamento da pele; os circuitos elétricos, um prolongamento do sistema nervoso central. [...] Os meios ao alterarem o meio ambiente, fazem germinar em nós percepções sensoriais de agudeza única. O prolongamento de qualquer de nossos sentidos altera nossa maneira de pensar e de agir – o modo de perceber o mundo. Quando essas relações se alteram, os homens mudam. (MCLUHAN, 1969, p. 59-79)

Certamente, a transmigração simbólica mais importante de Hermes, do paganismo ao catolicismo, está encarnada na imagem do anjo. E isso não tem nada de irracional; para a antropologia traduz uma “razão mítica” (CONTRERA, 2010), uma “imaginação dinâmica” sobre a dimensão espiritual dos humanos. A figura mais bem acabada do Hermes como intérprete-mediador está no filme *Asas do Desejo*, do cineasta Win Wenders (1987), em que os anjos se tele-transportam para Berlim, captando, nas bibliotecas, vias públicas, automóveis e metrô, as vozes e os sons das mentes humanas.

O espírito de Hermes como anjo é uma figura complexa, cuja força simbólica reside justamente no seu mistério, sexualidade polimorfa, silêncio e invisibilidade. E isso, ao mesmo tempo, fascina e perturba a imaginação dos humanos.

Numa cultura narcisista que idolatra a publicização e visibilidade total, o anjo, invisível, detém uma alteridade radical. Como oráculo, intérprete, hermeneuta, mediador vigoroso, traz a promessa de revelação do oculto; não é à toa que o culto dos anjos seja tão bem sucedido nos mercados globais de “autoajuda”.

A *imagerie* dos anjos persiste indelével no mundo secular; está nas capelas, nas esculturas, nos grandes afrescos e resplandecem no cinema, em *Cidade dos Anjos* (Brad Silberling, 1998) e na série apocalíptica *Anjos na América* (Mike Nichols, 2003), sem esquecer o anjo erotizado em *Barbarella* (Roger Vadim, 1968) e *O anjo exterminador* (Buñuel, 1962). É importante guardar a sua ontologia complexa que talvez possa ajudar a compreendermos o espírito do tempo, a extensão das subjetividades e o regime das mediações e socialidades, na era dos clones, ciborgues e avatares, os chamados seres “pós-humanos”.

O espírito hermenêutico nos leva a conhecer o poder da linguagem formal, contábil, legislativa, e simultaneamente, reconhecer a potência da linguagem cotidiana, informal, performativa, assimilando a parte lúdico-criadora da experiência comunicante.

Sob o signo de Hermes podemos entender as noções que derivam do seu culto, como “hermeneia”, “hermético”, “hermetismo”, “hermenêutica”. A comunicação hermética transcende a lógica da facilidade e instiga a perspicácia humana para lidar com a coincidência dos opostos, concedendo a sabedoria para lidarmos com as complexidades, os temas difíceis, situações extremas (como tão bem conhecem os juízes, legisladores e advogados). Como mediador, Hermes encarna a figura da Justiça.

O código binário da linguagem informacional é hermético para os leigos; entretanto, a aquisição das instruções básicas e a sua aplicabilidade podem transformar os cidadãos em eficazes gestores dos processos socio-técnico-comunicacionais.

Hermes, no sincretismo religioso, à luz da Antropologia (BIÃO, 2009), se traduz na figura emblemática de Exu, do candomblé que – no Brasil arcaico – durante a hegemonia cultural branca, precisou se comportar secretamente para sobreviver. É uma entidade mediadora entre o mundo dos vivos e dos mortos, protetor da sexualidade masculina. Aqui a mediação de Hermes possui um sentido similar à mediunidade.

Mas, reúne a dimensão lógico-gerencial, material, quantitativa, e a dimensão involuntária, lúdica e exploratória da comunicação. Logo, faz uma mediação racional, útil e necessária.

O simbolismo de Hermes-Mercúrio está associado às aptidões para o cálculo, a matemática, a estatística, as ciências duras, pelo seu altíssimo poder de concentração e discernimento, mas também às virtudes criativas, procriadoras e transformadoras. E, a estrutura simbólica de Hermes-Trismegisto está ligada às faculdades espirituais, às essências humanas (às ciências do espírito, a Filosofia, a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia, a Semiologia), reafirmando uma simbologia complexa que transcende o processo de midiaticização contemporânea, pois se instala anteriormente desde um “tempo remoto das técnicas de ver e do ouvir”. (ZIELINSKY, 2006, p. 46)

Um detalhe importante na sua indumentária é o capacete que ganhou de Hades; concedendo-lhe a astúcia, inteligência, o poder da gnose, do saber e da magia. Logo, é um *expert* no campo da imaginação criativa (artes da publicidade, *design*, arquitetura, propaganda, gestão organizacional e administrativa). Hermes é o protetor das ciências da contabilidade. Mas, o caduceu lhe envolve principalmente numa circunstância de significação esotérica, transmitindo-lhe o dom de decifrar o silêncio e a invisibilidade, liberando as experiências de mediação, decodificação e interação coletiva.

É pelo fazer, visando à utilidade da ação, que se aprende a conviver com a liberdade. É pela ação construtiva que o cidadão, o empresário, o político, o comunicador, todos nós, descobrimos a essência, o *daimon*, no dizer dos gregos. Na ‘Tábua das esmeraldas’, atribuída ao deus Hermes, pode-se ler: ‘Descobre o gênio imortal que te habita (*Daimon*), aquela energia apaixonada que te torna em algo e te impulsiona em direção à tua missão aqui na terra’. (VIANA, 2006, p. 15)

Na história do culto de Hermes podemos detectar um simbolismo ligado ao devir dos acontecimentos, o que nos remete à atividade da repor-

tagem, a transformação dos fatos em notícias, matérias jornalísticas. Essa circunstância contribui para a potência do processo de midiatização no âmbito da circulação; esse é o caso da internet em que a mensagem não para de circular “quase nunca”, favorecendo níveis dinâmicos de acesso, mediação, interação e comunicação compartilhada.

Cumpre relembrar, o hermetismo envolve o “segredo”, a parte oculta, a linguagem subliminar da comunicação, os não-ditos, os interditos, os silêncios, a matéria ainda em estado de elaboração.

Para os antigos, Hermes é um especialista também na fabricação dos antídotos, remédios; é pródigo nas mediações no sentido terapêutico. Hoje, se atualiza na figura do técnico, informacionista, encarnando uma espécie de “curandeiro high tech” que conserva o “disco duro”, salvando a memória virtual, o nosso cérebro eletrônico.

Em suma, Hermes é o ágil detentor de um saber que lhe permite atuar como leitor, mediador, decodificador; é tanto um oráculo, decifrador, quanto repórter, intérprete, mensageiro: não é à toa que é o “patrono dos jornalistas”. (VIANA, 2006)

A IMAGINAÇÃO MITOPOÉTICA, A HISTÓRIA E AS NERVURAS DO RE@L

Fazendo uma leitura mais atenta do estudo antropológico de André Lemos, *Cibercultura, vida social e tecnologia* (2004), encontramos uma etnologia das formas de vida mental, incluindo o mito e o logos, a técnica e a magia, desde um estágio pré-moderno da civilização. O trabalho demonstra como a *techné* e a *epistème* estiveram interligadas na sabedoria antiga. O discernimento desse hibridismo alerta para o fato de que as mediações tecnológicas podem favorecer conexões inteligentes e que o fenômeno da midiatização pode engendrar formas competentes nos usos da cultura.

É neste sentido que podemos compreender a popularidade e idolatria em torno dos *chats*, redes sociais, *blogs*, *games*, ambientes míticos e interativos,

dispositivos sensoriais e colaborativos que reúnem a dimensão diurna e noturna do imaginário, coligando linguagens e experiências advindas de interesses e motivações diferentes. Ou seja, os e-leitores, usuários, internautas regozijam-se manuseando o computador, de maneira diletante, descobrindo mundos virtuais, fascinados como se estivessem imersos numa experiência mágica, mas ao mesmo tempo, há muitos que trabalham atentos, perseverantes, dedicados e retiram dali os meios práticos de sua sobrevivência material.

Por esse ângulo podemos entender a força simbólica da internet na sociedade midiaticizada: como “toda mídia” oferece lazer, diversão e entretenimento – o *e-commerce* é a sua expressão mais evidente –, e como uma *new media* cria oportunidades de trabalho e educação, como *e-learning*, as teleconferências, as publicações virtuais. Assim, convém enfatizar que as mídias digitais podem levar a mediações apenas diletantes, mas também elabora mediações que podem sanar desajustes socioeconômicos. De modo semelhante, pode provocar um processo de midiaticização aliado apenas às engrenagens do capitalismo global ratificando o desequilíbrio social, e por outro lado, pode promover uma midiaticização favorável à aproximação das fronteiras entre as classes sociais através de conexões sociotecnológicas bem ponderadas. Enfim, tudo isso vai depender da maneira como os atores sociais intervierem nesses processos.

Seguimos aqui uma perspectiva interdisciplinar que reúne as contribuições da Antropologia simbólica, dos Estudos Culturais em Comunicação, das pesquisas avançadas em cibercultura. Trata-se de um esforço de leitura e interpretação guiado pela empiricidade dos dados capturados na internet durante mais de dez anos. Mapeamos as experiências do YouTube, *blogs*, bibliotecas virtuais, jornalismo digital, sistemas de monitoramento e geolocalização, cinema e realidade virtual, processos de transmidiaticização e netativismo, objetivando contribuir para uma interpretação da complexidade cultural na era da comunicação digital. Este trabalho é fruto da observação sistemática, análise e interpretação, da

contextualização social e histórica. Resultou de um esforço coletivo, um trabalho de investigação realizado em conjunto com jovens pesquisadores engajados nos temas da cibercultura (PIBIC/CNPq/PPGC/UFPB): Araújo (2003), Falcão (2009), Felix (2008), Liesen (2007), Lima (2009), Magalhães (2009, 2011), Martins (2008), Medeiros (2009, 2011), Medeiros Neto (2010), Rios e Oliveira (1997, 1998), Rodrigues (2002) e Serrano (2007).

Resgatamos a iconicidade de Hermes (Mercúrio/Trismegistus), uma vigorosa chave interpretativa dos “mistérios do mundo” na mitologia antiga que nos serve como ferramenta metodológica para entendermos as mídias, o processo de midiatização sociotecnológica e as mediações atuais.

O signo de Hermes se faz presente nas narrativas mitopoéticas de Homero, Hesíodo, Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Píndaro e Aristófanes, servindo de farol aos homens e mulheres de todas as épocas. Inscreve-se na filosofia antiga – na dialética platônica⁵ e na metafísica aristotélica⁶ – como uma figura de linguagem poderosa, atuando colaborativamente na articulação dos sistemas de pensamento racionais da antiguidade – no domínio do Direito, da Medicina, da Engenharia, e hoje suas emanções atualizam a trama das vivências e linguagens eletrônicas compartilhadas.

Com o advento monoteísta do cristianismo, evidentemente, foram confiscados os seus atributos pagãos; todavia, persistiram na extraordinária iconografia das obras de artes, explodindo nos quadros de Botticelli, Rubens, Turner, Celine, De Vries, e na imaginação poética de escritores como Dante, Goethe, Oscar Wilde e Fernando Pessoa.

5 “Hermes pode ter derivado de *hermeneus*, que significa intérprete. Platão, dando voz a Sócrates, tentou estabelecer uma origem do nome, dizendo que Hermes estava ligado ao discurso, à interpretação e à transmissão de mensagens, atividades ligadas ao poder da fala (*eirein*), e segundo supunha no curso do tempo *eirein* havia sido embelezada e transformada em Hermes.” (HERMES, [entre 2005 e 2011])

6 “Aristóteles sistematizou o conceito da hermenêutica, a ciência da interpretação, da tradução e da exegese, a partir dos atributos de Hermes. A aplicabilidade da hermenêutica filosófica de Aristóteles permanece com vigor no jargão dos profissionais do Direito e da Jurisprudência.” (HERMES, [entre 2005 e 2011])

O CONFLITO DAS INTERPRETAÇÕES NO CIBERESPAÇO

No contexto da civilização cristã tardia, é interessante notar o surpreendente sincretismo ocorrido entre os mitos antigos e os santos forjados pelo catolicismo, cuja atual força simbólica é extraordinária junto às comunidades de crentes. Talvez a sua expressão mais forte, nos tempos do turismo global, seja a permanência do culto e peregrinação no caminho de Santiago de Compostela, que arrebanha milhões de fiéis de todas as partes do mundo, revelando um hermetismo e nomadismo surpreendentes.

O imaginário popular é fértil e os ícones derivados da figura de Hermes e suas hibridações fervilham no sincretismo cultural contemporâneo, como indicam o culto dos santos ligados – simbolicamente – à comunicação, à conexão e à velocidade: Nossa Senhora dos Navegantes (e da Boa Viagem), São Cristovão (padroeiro dos motoristas), São Rafael (padroeiro dos motociclistas), São Francisco Sales (padroeiro dos jornalistas), Santo Antônio (protetor dos feirantes e dos namorados), incluindo a incrível figura de Santo Isidoro de Sevilha (padroeiro dos internautas), são exemplares.⁷

Os cortejos em torno da iconicidade formada por essas figuras híbridas, em sua aparente banalidade, atestam a potência do imaginário simbólico que se estrutura a partir de distintas e diversificadas influências multiculturais. Mas, nos instiga a refletir sobre os processos de mediação e midiatização a partir de um ponto de vista que envolve a parte visível, mas também a parte invisível da comunicação humana, respeitando os sistemas de pensamento, de crenças e formações culturais distintas.

7 Comemora-se em 4 de abril o dia do padroeiro dos usuários da internet, Santo Isidoro de Sevilha. Em março de 2000, o Serviço de Observação da Internet, sob a inspiração do Conselho Pontifício para a Comunicação Social, do Vaticano, resolveu apoiar o nome do santo para ser o patrono da internet. Santo Isidoro de Sevilha foi indicado por ter escrito uma enciclopédia em 20 volumes, as “Etimologias”, que tratam de tudo que se conhecia em sua época (século VI), desde gramática até pássaros, de animais e medicina, de construção de estradas a moda e mobília, bem como meditações teológicas sobre a Divindade. Ele descobriu também um sistema de pensamento, chamado de “flashes”, e ainda tido como coisa muito moderna. Seria o Google daquela época. (BLOGDOQUEMEL, 2011)

Em nossa época imagético-publicitária, portanto midiaticizada, a iconologia de Hermes-Mercúrio se projeta numa cartografia multifacetada: na hermenêutica jurídica, comercial, médica, psicanalítica, nos rituais do candomblé, na astrologia, nos esportes, no circuito da moda e no *show business*, configurando uma multiplicidade de mediações que significam aqui doações de sentido para a existência humana e social.

Importa aqui perceber a arte da comunicação como uma hermenêutica (uma mediação interpretativa) que pode atualizar um olhar sobre as novas experiências cotidianas, desde os games interativos, como *O Inferno de Dante*, passando pela videologia de *Harry Potter* e os ambientes imersivos como o *Second Life*, até o caleidoscópio de imagens do site *pornotube.com*.

As novas artes tecnológicas e as mídias colaborativas solicitam novos olhares que podem ser instigados pela sabedoria antiga; este é o sentido do convite a Hermes para uma interpretação das formas culturais contemporâneas.

Miramos os dispositivos de arte-net minimalista das mensagens em *Power Point*, o vasto repertório de textos postados no site de compartilhamento *Slideshare*. Contemplamos as epifanias ciber-astrológicas das páginas eletrônicas (como o site *Porto do Céu*), os bizarros posts “comemorativos” pela morte de Bin Laden, no *YouTube*, os comentários indignados dos ciberativistas no Orkut e os “segredos de polichinelo” revelados no *wikileaks*.

Eis uma experiência de contemplação e desvelação do sentido, uma atitude filosófica presente nas formulações de Benjamin, Simmel, Flusser e Latour, que, movidos por uma “lógica da razão sensível”, empenharam-se na exploração da arte, técnica, comunicação e política, e hoje têm irrigado o pensamento das novas gerações acerca da midiaticização tecnológica e das mediações como apropriações estratégicas.

Essa constelação de pensadores possui analogia com a imaginação “antroposófica” (e interpretativa) de Hermes Trismegistus, o alquimista que parece ter previsto a nossa era de hibridações, mediações e convergências desconcertantes.

O SONO DA RAZÃO SENSÍVEL DESPERTA OS MONSTROS

A filosofia hermenêutica nos favorece uma leitura do código impresso e também audiovisual. Assim, os filmes *Janela da Alma* (João Jardim & Walter Carvalho, 2002) e *Ensaio sobre a Cegueira* (Fernando Meirelles, 2008), todos disponibilizados – integralmente ou em fragmentos na Web – são modos de mediação da sétima arte e ao mesmo tempo, interpretações do mundo e exercícios hermenêuticos, sob a dupla forma da textualidade e da “audiovisibilidade”.

Aliás, a linguagem hipertextual da *web*, de maneira inédita propicia interpretações, leituras imersivas, transversais, e, dependendo do modo de usar, pode tornar mais claras as nossas ideias acerca da complexidade do mundo em que vivemos.

A inteligência coletiva conectada, graças à grande hermenêutica digital gerada pela *web*, como uma máquina sociotécnica provedora de leituras e mediações, pode transformar o discurso em ação. Todavia, enfatizamos, essa tarefa não é fácil, pois a comunicação em rede é atravessada permanentemente por poderes em conflito. O Estado, o capital e os ativistas em rede disputam o ciberespaço com interesses e objetivos distintos. E o êxito no exercício das empreitadas em rede vai depender do modo como puderem gerar estratégias conectadas de mediação social face à mediação desbalanceada.

A inteligência sociotécnica conectada pelos sistemas hipermedia realiza o sonho hermenêutico de desvelamento do mundo através da visão, audição e “tactibilidade”. Eis uma experiência cultural que modifica os padrões de linguagem, encorajando os atores sociais a usarem os equipamentos tecnológicos para acederem ao status de cidadãos.

HERMENÊUTICA E *THEATRUM PHILOSOFICUM*

A recorrência às obras *Hermenêutica* (PALMER, 1986), *Questões fundamentais da hermenêutica* (CORETH, 1973) e *Interpretação e Ideologias* (RICOEUR,

1988) é relevante para o refinamento da percepção acerca dos diferentes modos de mediação e construção dos discursos. Uma estratégia essencial para a evolução do pensamento que se desloca do preconceito ao pré-entendimento, abrindo clarividências diante do novo.

Seguimos as pistas lançadas pela hermenêutica visando a uma estratégia de mediação entre gramáticas discursivas emergentes. E cabe ao cidadão virtual exercer o livre arbítrio, fazer a sua própria interpretação e escolher o modo de agir no processo de midiatização que, em si, não significa avanço nem retrocesso para os processos socioeconômicos, políticos e culturais, dependendo do contexto social e histórico.

Este é um trajeto que certamente poderia ser retomado a partir da crítica de Heidegger à técnica ou da filologia iconoclasta de Nietzsche, exorcizando a hegemonia dos valores morais, filosóficos, estéticos através de aforismos desconcertantes.

Todavia, optamos pela contemplação de um roteiro das interpretações, partindo de um momento histórico em que o mundo começou a ser pensado à maneira moderna.

E esse momento pode ser datado a partir de Kant (1724-1804), antes de tudo, um grande intérprete, exegeta da razão, que buscou conciliar o racionalismo dedutivo, de Descartes e Leibniz, com o empirismo inglês (Hume-Locke-Berkeley). Kant nasceu em Königsberg, e num certo sentido antecipou McLuhan, e sem nunca ter saído da sua “aldeia” – reza a lenda – almejou decifrar o mundo forjando filosoficamente uma “globalização” *avant la lettre*, através das extensões de uma razão pura e transcendental.

O filósofo das luzes empreendeu um rigoroso projeto de interpretação do real, portanto, uma mediação, uma hermenêutica; mas, empenhado em uma explicação do mundo através de um “imperativo categórico”, deixou de fora a perspectiva da razão sensível no ato de contemplação do mundo.⁸

8 Este projeto será levado a cabo por outros estetas e pensadores como os neoidealistas e românticos Schiller e Fichte.

Capturamos em Kant a noção de “imperativo categórico” para repensar o conceito de “imperativo da visibilidade”, empregado por Paula Sibilia (2008) na investigação da sociabilidade virtual, quando as experiências da visibilidade, conexão e mobilidade aparecem enquanto prerequisites para a entrada do ser na ordem da cultura; ou seja, temos aqui indícios para uma relativização do fenômeno da mediação.

Na filosofia hermenêutica, cintila a obra do teólogo Schleiermacher (1768-1834), fazendo a crítica dos milagres e das escrituras que, em última instância, nos leva a entender para além da magia do ciberespaço um sistema de padronização da linguagem como estratégia de estabelecimento dos efeitos de verdade. Logo, antecipa Baudrillard e a crítica dos simulacros e simulações; eis um tipo de mediação crítica.

Dilthey (1833-1911), psicólogo-pedagogo dedicado ao estudo das “ciências do espírito” e “ciências da natureza”, abre caminho para as futuras mediações, no século XXI, sobre o espírito do tempo, a inteligência cognitiva e a ecologia da comunicação, desenvolvida por Bateson e outros visionários da Escola de Chicago.

Husserl (1859-1938), filósofo-matemático, ousou prever uma fenomenologia do Ser diante do número, antecipando a ideia da automação, conexão e mediação numérica da “modernidade tardia”. Um processo especulativo que vai ganhar novas proporções na pragmática da comunicação, com Austin, Searle e Peirce, no século XX.

Caminhando sozinho na rota das ideias do seu tempo, Heidegger (1889-1976), investigador da metafísica e da teologia, antecipou uma filosofia crítica da técnica, e desta maneira vai dominar o pensamento norteador da tradição crítica da tecnocultura, abrindo caminho para uma crítica da mediação como vetor regressivo para a cultura.

Gadamer (1900-2002), autor da obra *Verdade e Método*, empenhou-se em decifrar o “caráter verdadeiro das coisas”, e findou como um estudioso do belo, nos estimulando a explorar os “enigmas, segredos e mistérios” da realidade sensível estetizada pelas tecnologias audiovisuais colaborativas;

assim a mediação estética se inscreve como um acesso à “verdade” dos seres, das palavras e das coisas

Ricoeur (1913-2005), o filósofo do sentido, dedicou-se às “interpretações e ideologias”, enfrentando “conflito das interpretações”, e hoje o seu legado filosófico nos encoraja a compreender os paradoxos e complexidades da midiatização e das estratégias sociotécnicas de mediação, como ocorrências conflitivas que exigem contextualização.

Enfim, valorizamos as leituras híbridas como estratégias vigilantes na apreensão da complexidade do real midiatizado. Logo, apreendemos as iluminações filosóficas clássicas e os *insights* recentes de pensadores do contemporâneo, cujos esforços em compreender o significado da história, arte, técnica, política e vida social, na era da midiatização, deixaram estímulos para problematizarmos os dispositivos sociotécnicos (mediadores) no contexto da inteligência coletiva conectada.

REFERÊNCIAS

AMADEU, S. *Blog do Sérgio Amadeu*. 2009. Disponível em <<http://samadeu.blogspot.com/2008/04/things-hackers-detest-and-avoid.html>>. Acesso em: 09 nov. 2010.

ANTOUN, H. *WEB 2.0 – Participação e vigilância na comunicação distribuída*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

ARAÚJO, A. H. C. *As organizações no ciberespaço*. João Pessoa: UFPB, 2003. Não publicado.

BARBERO, J. M. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2003.

BENJAMIN, W. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Obras Escolhidas*, v. 1. Arte, Técnica, Ciência e Magia. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BIÃO, A. A comunicação nas encruzilhadas da Esfinge, de Hermes, Mercúrio, Exu, Maria Padilha: ditos, não-ditos, interditos e mal-entendidos. *Revista FAMECOS*, n. 40, dez. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/6323/4598>>. Acesso em: 06 mar. 2010.

BLOGDOQUEMEL. *Consultoria doméstica*. Disponível em: <<http://blog.consultoriadomestica.com.br/2011/04/04/santo-isidoro-de-sevilha-padroeiro-dos-internautas/>>. Acesso em: 10 out. 2011.

- BRAGA, J. L. *A sociedade enfrenta a sua mídia*. São Paulo: Paulus, 2006.
- CASTRO e SILVA. Hermes. In: MARCONDES FILHO, C. (Org.) *Dicionário de Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009.
- CONTRERA, M. S. *Mediosfera*. São Paulo: Annablume, 2010.
- CORETH, E. *Questões fundamentais de hermenêutica*. São Paulo: EPU, 1973.
- FALCÃO, L. *O Second Life e a Teoria da Calda Longa*. João Pessoa: UFPB, 2009. Não publicado.
- FELIX, L. *Socialidades efêmeras no ciberespaço*. João Pessoa: UFPB, 2008. Não publicado.
- HACKERTEEN. Ética Hacker. [200-]. Disponível em: <<http://www.hackerteen.com/link/etica-hacker.html>>. Acesso em: 15 dez. 2011.
- HERMES. In: *Wikipedia*. [entre 2005 e 2012]. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hermes>>. Acesso em: 01 abr. 2011.
- KERCKHOVE, D. *A pele da cultura: investigando a nova realidade eletrônica*. São Paulo: Annablume, 2009.
- LEMOES, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- LIESEN, M. *Comunicação, sensibilidade e mediação tecnológica*. 2010. Disponível em: <<http://sites.google.com/site/mauricioliesen/textos>>. Acesso em: 10 maio 2012.
- LIMA, N. R. A. S. *Webjornalismo*. João Pessoa: UFPB, 2009. Não publicado.
- MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MAGALHÃES, M. *Orkut e comunidades virtuais*. João Pessoa: UFPB, 2011. Não publicado.
- MARCONDES FILHO, C. (Org.) *Dicionário de Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009.
- MARTINS, A. V. *Blogs, blogueiros, blogosfera: uma caracterização dos blogs e dos seus interagentes*. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 11., 2009. Teresina. *Anais...* Teresina: Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2009/resumos/R15-0090-1.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2012.
- MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.
- _____. *A galáxia de Gutemberg*. São Paulo: Editora Nacional, EDUSP, 1972.
- MCLUHAN, M; FIORI, Q. *Os meios são as mensagens*. São Paulo: Record, 1969.

- MEDEIROS, E. *Blogs, jornalismo e redes sociais*. João Pessoa: UFPB, 2011. Não publicado.
- MEDEIROS NETO, R. B. *Twitter, a credibilidade da mensagem sintetizada*. João Pessoa: UFPB, 2010. Não publicado.
- MORAIS, D. (Org.) *A sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- PALMER, R. E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- PEREIRA, V. A. *Estendendo McLuhan: da aldeia à teia global*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- PRIMO, A. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- PRIMO, A. et al. (Org.). *Comunicação e interações*. Sulina: Compós, 2008.
- RECUERO, R. *Redes Sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RICOEUR, P. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- RIOS, P.; OLIVEIRA, A. *Home Pages: o acesso às auto-estradas da cibercultura*. João Pessoa: UFPB, 1998. Não publicado.
- _____. *A Internet e a busca da comunicação horizontal*. João Pessoa: UFPB, 1998. Não publicado.
- RODRIGUES, J. *Estudo dos chats*. João Pessoa: UFPB, 2002. Não publicado.
- SERRANO, P. H. S. M. *Cognição e interacionalidade através do YouTube*. 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/serrano-paulo-cognicao-interacionalidade-youtube.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2012.
- SILVEIRA, S. A. *Exclusão digital: a miséria na era da informação*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.
- SODRÉ, M. *Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- VERÓN, E. *A midiaticização em seu último episódio*. Entrevistador: Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO). 2011. Disponível em: <http://www.ciseco.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=63&Itemid=58>. Acesso em: 02 fev. 2012.
- VIANA, F. *Hermes, a divina arte da comunicação*. São Paulo: Clã Editora, 2006.
- ZIELINSKY, S. *Arqueologia da mídia: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e ouvir*. São Paulo: Annablume, 2006.